



*«A poesia
está
envolvida
na vida.
Tudo
é poesia
afinal
de contas...»*

Pintar é outra história

-Roberto Chichorro

I — Em Madrid tudo começa nas «Puertas del Sol». Assim o dizem «os madrilenos». O Chichorro e eu entramos num acordo: não me concede a entrevista (porque nunca se deixou entrevistar) mas posso escrever o que ele for dizendo nos sete dias que junto passarmos em Espanha.

Chove na cidade. As avenidas estão pejudadas de gente. Os grandes supermercados abarrotados de consumo fazem inveja a muitos olhos. Junto à «Plaza Mayor» no meio da rua, uns «punks» ensaiam o «Break Dance» agarrados a um gravador. Por todas

os cantos a cidade está iluminada por gambiarras multicolores. É Dezembro e estamos no Natal.

Ao passarmos pela «Plaza Mayor» refugiamos-nos numa tasca a funcionar dentro de uma antiga estalagem. A madeira velha dos seus móveis, a pedra escura das suas paredes, as pipas de vinho deitadas ao balcão, os enchidos pendurados nas traves pregadas ao tecto formam o quadro rústico daquela taberna. Um velho, gordo, grita para o empregado.

Bebemos vinho galego. E come-

mos o petisco. O mais difícil é escolher entre a dobrada, as sardinhas, as lulas, o polvo, os enchidos...

O Chichorro quer ouvir coisas da terra. Queixa-se: «Vê tu que nem a Secretaria de Estado da Cultura me manda os catálogos das exposições que por lá se fazem... Depois em jeito de desabafo diz-me que tem enviado correspondência para cá e nem sequer recebe um papelinho a acusar a recepção.

Ouve-se música. Um velhote grogue, ataca à manivela um realejo. São as marchas das touradas, acompanhadas de olés e castanholas dos bebedores mais excitados. Olho para um quadro penduricado numa parede. É o retrato de um rei e de uma rainha de Espanha. Serão os católicos Isabel e Fernando?

De repente pergunto: «Olha Roberto como te nasceu o gosto de pintar?» Um gole de vinho galego e a pausa. «O meu pai desenhava bem e talvez por aí, sei lá... Mas a sério foi na tropa quando estava em Nampula e o Carneiro Gonçalves ao ver umas coisitas que eu desenhava me

Roberto Carneiro de Alcákovas de Sousa Chichorro é maputense nascido na Malhangalene (apesar «de descender da nobreza real portuguesa», que é uma estória que ele conta aos amigos) a 19 de Setembro de 1941. Considera-se autodidacta. Expõe pela primeira vez em 1965 numa exposição colectiva integrada nos festejos da cidade de Lourenço Marques, actual Maputo.

Desde então seguiram-se exposições individuais em Maputo, Luanda, Lisboa, e colectivas no Maputo, Lisboa, Luanda, Salamanca, Madrid, Moscovo, Sófia, Berlim e Reggio Emilia.

Prémio Aquisição no Salão de Arte Moderna de Luanda (1973), encontra-se actualmente em Espanha como bolseiro, onde tem participado em diversas exposições. Foi convidado a expor individualmente este ano, no Casino do Estoril, em Portugal, por ocasião das comemorações do décimo aniversário da independência nacional, numa iniciativa que teve a colaboração da embaixada de Moçambique em Lisboa. Nesta exposição o Museu Português de Arte Contemporânea adquiriu um dos seus quadros.



perguntou: porque não pintas? e tentei... Nessa altura não acreditava em ser pintor... Pintar é outra história.»

Mas o que é que pintas nessa fase? «Nessa fase é um quadro com cores. Outro e outra técnica. Fui andando sozinho, não tive apoio de ninguém, tirando os amigos que me davam alento. Foi um tempo difícil, um caminho que fui procurando sozinho...»

Ser autodidacta implica ver, ler, ouvir e outras coisas mais. «Sim, fiz

leituras, vi reproduções nas revistas. Há pintores que acabei gostando mais: Chagall, Kandinsky, os brasileiros Portinari e Cavalcanti, o Van Gogh... E dos nossos? Chichorro sorri. «Todos nos conhecemos, mas ainda somos poucos. Hoje em Moçambique está a surgir gente nova a querer fazer coisas... Mas com a carência de material cortou-se um reavivar de um movimento que existiu na nossa pintura. Há alguns valores. Há gente que se pode fazer... Estão ain-

da verdes, muito crus. Mas todos têm possibilidades se trabalharem, se estudarem. Há outros que realmente nunca o serão... Eles não sabem desenhar. Se não têm uma escola, têm de se convencer de que estão a começar.»

UMA FORMA POÉTICA DE PINTAR

II — Acordámos com uma notícia triste. Vicente Aleixandre, poeta espanhol da geração de 27, morrerá. Na rua há o contraste da tristeza e da alegria.

Nos quiosques, os jornais em grandes manchetes anunciam a morte do poeta e retenho um verso de Vicente Aleixandre: «A dignidade do homem está na sua morte e ainda outro a noite é larga, mas já passou.»

Estamos no metro. Hoje o prometido pelo pintor: ir ao Museu do Prado e depois ver a Guernica. «Gosto de poesia. Neruda, Vinicius, Lorca, Machado, Pessoa e dos nossos Craveirinha e Noémia...»

Porquê esse gosto pela poesia? «A música, a poesia, a pintura estão ligados. Está-se sempre de uma forma poética na vida. A poesia está envolvida na vida. Tudo é poesia afinal de contas... Por isso eu opto por uma forma poética de pintar.»

No Museu do Prado os nossos olhos poisam em Goya, Velasquez,



Roberto Chichorro na inauguração da sua exposição individual na Galeria de Arte Zódiaco, em Madrid, em Outubro do ano passado

El-Greco, Picasso, Miró, Dali e outros. Depois numa outra casa ao lado, a majestosa obra do século: Guernica.

«Do Picasso gosto mais dos desenhos. Olha para estas cabeças, estes corpos que compõem o estudo da Guernica... Ele era um génio.»

Sentámo-nos num café e falámos de pintura, pintores e museus. Digo-lhe: «O Museu do Prado é dos mais bem arrumados que conheço. Aqui poderia ser a escola para nós.»

«Há boa vontade por parte de algumas pessoas em Moçambique — diz Chichorro — mas não há apoio nenhum...»

Falo-lhe no núcleo organizativo dos artistas plásticos. «Organizar os artistas como? Em que sentido? Tem de haver um sítio onde as pessoas exponham, onde os artistas discutam, o que obrigará inevitavelmente que eles estejam presentes...»

Mas o que é necessário para isso acontecer? «É preciso que haja um edifício apropriado, que tenhamos expositores, spotlights etc.» Não poderia ser no Museu Nacional de Arte? «Perguntas-me bem... mas devias perguntar aos que lá trabalham...»

Diz-me que não me está a dar uma entrevista. Rio-me. Estou em Espanha a seu convite, a partilhar as «pesetas» da sua bolsa. Chichorro, como é que conseguiste vir a Espanha estudar? «Uma pessoa comprou-me um quadro em Maputo. Ofereceu a alguém, um espanhol. Um dia ao telefone pergunta-me se já tinha estado em Espanha, se conhecia a pintura espanhola, se gostaria de ir a Espanha estudar. Passado pouco tempo disse-me: tenho uma bolsa para ti. E cá estou.» E aqui em Madrid, o que estudas? «Neste momento, como viste, estou a fazer gravura no «atelier» de um dos mais famosos homens de «gravado» em Espanha. O argentino Óscar Manzi. Já estive a fazer cerâmica e pintura. Expus numa galeria, a Zodíaco, onde tive a honra de umas palavras de apresentação escritas pelo crítico espanhol Mário Antolin. Também já participei em exposições colectivas. Vejo museus, exposições, falo com os críticos e com outros pintores. Foi assim que recebi um convite para figurar no Anuário de Arte.»

Ao regressares a Moçambique, o que aprendeste, como será aplicado?

«Penso passar a minha experiência aos outros, aos que estiverem interessados. Quero fazer uma grande exposição com tudo o que aprendi: «gravado», óleo, aguarela e cerâmica. Vai tudo depender do material que eu levar daqui e ele não é nada barato. «Mas isso poderá ter um apoio das estruturas competentes, atalho eu.» Há boa vontade de alguns, mas isso não chega. Por exemplo, o material que eu tenho em Maputo sobrou-me de uma oferta que a Bertina me fez quando passei por Roma. E isto a troco de alguns trabalhos...»

Já a tarde ia descendo. O céu azul e cinzento deixava cair uns pingos de chuva. Numa avenida de Madrid um cortejo silencioso acompanha o funeral de Vicente Aleixandre pois agora «a terra germinal aceita o último beijo». Roberto diz-me mais uma vez: «A poesia está envolvida na vida... tudo é poesia afinal de contas.»

E recordo um verso do poeta espanhol que parte: «Vida, tua comesas.»

Gulamo Khan